

COM QUE LINHAS TE CRUZAS?

PARTE 1: À ESPERA

19 e 26 SET e 10 OUT 18h

Estação SÃO JOSÉ - Coimbra

22 SET 17h

Estação LOUSÃ

29 SET 17h

Estação MOINHOS

19 OUT 17h

Estação MIRANDA DO CORVO

20 OUT 17h

Estação SERPINS

Um projeto do Teatrão

Em coprodução com a Metro Mondego e os Municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, e em colaboração com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra – Sociologia

Apoio Financeiro Metro Mondego
Sustentável 2030 – Programa Ação Climática e Sustentabilidade / Cofinanciado pela União Europeia

O PROJETO

Com que Linhas te Cruzas? é um projeto de intervenção artística e cívica que junta, em coprodução, o Teatrão com a Metro Mondego e os Municípios de Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo. Direciona o seu foco para o novo sistema de mobilidade urbana desta região, procurando trabalhar com as comunidades o longo e, por vezes, turbulento processo de transformação da linha férrea em Metro Bus. Neste sentido, orientámos o trabalho do projeto em quatro fases:

Fase 1 – Mapeamento Cultural;
Fase 2 – Oficinas com as populações e Dramaturgia: oficinas com habitantes da Lousã, Miranda do Corvo, Moinhos e Serpins, de modo a auscultar a relação das pessoas com a linha do comboio e os constrangimentos causados durante o seu interregno, assim como as suas perspetivas para o futuro em relação a esta nova infraestrutura de mobilidade urbana. Destas oficinas, e de uma call à cidade de Coimbra, surgiram também os grupos de intérpretes da comunidade que se juntam à equipa artística do Teatrão em cada um dos municípios;
Fase 3 – 1ª Criação, em 2024: a decorrer nas estações do Metro Bus;
Fase 4 – 2ª Criação, em 2025: a decorrer nos autocarros do Metro Bus.

O ESPETÁCULO

Com que Linhas te Cruzas? é um espetáculo com vários pontos de partida e de chegada. São pontos de chegada literais, no sentido em que as estações das linhas do Metro do Mondego são em simultâneo o cenário e a inspiração para esta viagem que nos faz refletir sobre as linhas com que nos cruzamos todos os dias. Estas linhas, espelhadas em pequenos episódios, histórias, cenas e fragmentos de vidas que ao longo de vários anos usaram a linha, viveram da linha, esperaram e lutaram pela linha, vão levar-nos através dessas memórias. São pontos de partida para projetarmos o futuro: que cidade pode construir-se a partir das linhas que nos ligam como comunidade e sociedade? Que relações e que histórias podem vir a ser as memórias que estão por construir?

Sandra Pinheiro

ENCENAÇÃO

A VIDA PODE SER FANTÁSTICA!!!!!!??????

Com que Linhas te Cruzas? vem pela mão de três contadores de história, na melhor tradição dos rapsodos. Como faladores de muita responsabilidade não abrem mão da fantasia e até da mentira, da ilusão, da magia, como forma de atrair atenção, divertir, entreter, seduzir. O momento é propício já que objetivamente trazem notícia alvissareira e recém-nascida: em breve um novo tipo de mobilidade vai rasgar os caminhos da região, trazendo para lá e para cá gente de todo género, tipo e quantidade, numa mistura mais que desejável.

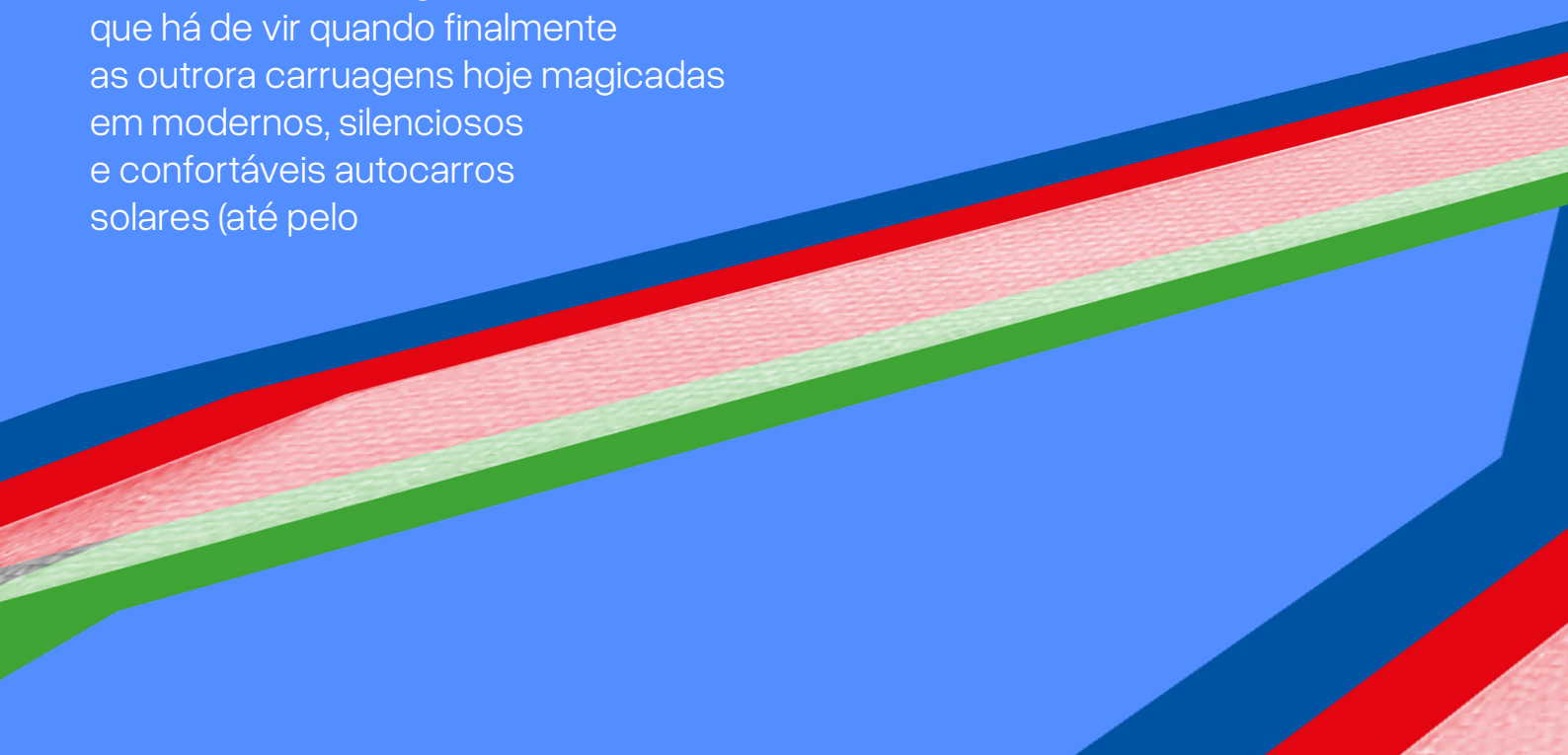
Os contadores vão juntando tropa pelos caminhos do bom Deus que percorrem. E vem com eles gente de Serpins, de Miranda do Corvo, de Moinhos, da Lousã, de Coimbra. Vão se abundando de estação por estação, contando histórias do passado da linha férrea que foi interrompida em 2009 e que tantas e quantas benevolências trouxe durante todo o longo tempo que existiu. Vão imaginando o presente que há de vir quando finalmente as outrora carruagens hoje magicadas em modernos, silenciosos e confortáveis autocarros solares (até pelo

amarelo que os veste) entrarem em funcionamento — que é para quase já, agorinha mesmo. As linhas vão se cruzando: linha da vida, linha do passado, do presente e do futuro. Linhas de geografias múltiplas.

São sábias e bonitas essas histórias que os saltimbancos trazem, o povo sempre tem coisas boas para socializar: pois não é que se cruzaram as linhas de desejo popular e suas muitas lutas e associações pela manutenção da linha férrea e a escuta do poder público, materializada em sofisticada transmutação das mitológicas carruagens de ferro nesses coletivos futuristas?

Outros tempos que se inauguram bem se pode imaginar do melhor. Tempos em que a mobilidade favoreça os estudos, as trocas, os lazeres, os bem querer e os ajuntamentos de gente daqui, dali, de acolá.

Marco Antonio Rodrigues



DRAMATURGIA

Com que linhas te cruzas?

Quando o Teatrão me lançou o convite para participar na dramaturgia de um espetáculo sobre o Metro do Mondego, a primeira ideia que me surgiu foi uma imagem — linhas. Linhas que nessa altura não estavam ainda muito definidas, mas que tinham algumas pontas que abriam inúmeras possibilidades. Surgiram então algumas linhas importantes na narrativa.

O tempo foi uma delas. A história da linha ferroviária da Lousã atravessou todo o século XX e foi determinante para o desenvolvimento das comunidades próximas de Coimbra. Por outro lado, a história do Metro do Mondego foi uma presença constante em todo o século XXI. Uma ideia presente, mas ausente, cuja materialização era sucessivamente adiada e alterada. A passagem do tempo, os episódios que se sucedem em momentos de espera e que condicionam a percepção dessa passagem constituíram, por isso, uma inspiração importante na construção da narrativa. A linha do tempo projeta ainda o futuro. Qual o impacto da linha no futuro? Quem serão os seus passageiros? Que mundos irão moldar e construir?

A comunicação e a ligação entre pontos, espaços e pessoas foi outra linha que ganhou forma na narrativa. Seguimos os universos particulares das pessoas e dos mundos transportados.

São fragmentos de vidas, que
se cruzam com as vidas
de outros,

passageiros da mesma linha, que em momentos particulares partilham a mesma carruagem, a mesma estação e, por vezes, a mesma história. Acompanhamo-los durante a viagem, dando-nos conta que também a nossa história faz parte das histórias deste emaranhado de linhas.

Emerge ainda uma terceira linha da narrativa — as diferenças entre ideias contrastantes: o velho e o novo; a urgência em contraste com a espera; o individual por oposição ao coletivo, o local em contraposição com o estrangeiro, entre muitas outras. Estas ideias contrastantes marcam cada vez mais o presente e o futuro. A capacidade de nos ligarmos e entendermos as nuances de cada realidade são determinantes para um mundo mais ligado e mais próximo. Não será essa a grande missão das linhas com que nos cruzamos?

Sandra Pinheiro

FIGURINOS E ADEREÇOS

O comboio que ligava a Lousã a Coimbra foi a linha que modelou o quotidiano dos moradores e trabalhadores da região. Em seu redor criou-se uma comunidade, de movimento pendular e de tempo lento e certo. Fizeram-se casamentos, amizades e negócios numa terra em movimento, feita de muitos lugares, para onde qualquer um podia subir ou descer.

Quando a linha foi cortada, não foi apenas o transporte público, utilitário e essencial, que se suspendeu. Foram as relações sociais e territoriais que aí tinham sido cosidas ao longo de gerações.

A suspensão da sua existência criou expectativa, saudade e sonho. Mas a saudade do que sabíamos certo, mitologia de tempos mais difíceis que bons, não deve impedir o sonho. É disso que trata o nosso espectáculo: de esboçar uma linha narrativa que ligue o que era com o que é e o que pode vir a ser.

Nele os homens são seres mutáveis e múltiplos, percorrendo o tempo e o espaço ao correr da história que contam e as suas roupas reflectem esse movimento. Evocam a história do comboio, e dos seus trabalhadores, mas transportam em cada uma das suas peças que se viram e reviram, todos os outros que o conheceram. Os figurinos são peças de puzzle que podem ser encaixadas de formas diferentes, que falam do passado e permitem encontrar um futuro.

Não se trata de reconstituir o que havia

mas de encontrar novas vias, propondo que a proximidade territorial que agora será possível possa vir a re-centrar a comunidade existente e expandi-la para incluir outros. Para isso é preciso tempo e um tempo lento, para que um lugar se construa em redor dos percursos e das estações.

Filipa Malva

MÚSICA

A criação musical deste espectáculo parte de um processo conjunto com a criação teatral – a música foi criada espontaneamente a partir do trabalho dos atores, onde uma das partes contamina a outra e vice-versa. Por um lado, há uma forte presença da música popular portuguesa, onde se incluem canções de José Afonso e José Mário Branco, assim como músicas criadas de propósito para o espectáculo que vão buscar muitos elementos desta tradição. Foram também criadas canções que tiveram como inspiração exercícios de improvisação na sala de ensaios. Estas canções, para além de partilharem o mesmo universo sonoro e poético, tentam refletir sobre um passado que não se sabe se existiu e um futuro que se sonha, realçando uma qualidade quase “fantástica” que se mantém ao longo de todo o espectáculo. Por outro lado, a música por vezes adquire um carácter experimental, quase absurdo, acompanhando e reagindo às ações dos atores em cena. Isto acontece em cenas mudas, a música puramente instrumental estabelece o tom emocional da cena quando as palavras não existem.

Miguel Cordeiro

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Dramaturgia Sandra Pinheiro

Encenação Marco Antonio Rodrigues

Elenco Teatrão Afonso Abreu, David Meco e Miguel Cordeiro

Elenco da Comunidade

Coimbra António Roque, Iara Alfredo, João Pedro Carada, Licínia Ferreira, Liliana Santos, Maria Adelaide de Oliveira, Maria do Pilar Veiga, Maria Filomena Folhas, Mariana Venâncio, Rafael Graça, Victoria Bucu, Coro Dom Pedro de Cristo (a confirmar)

Lousã Adotília Silva, Carlos Dias, Célia Serra, Isabel Seco, José Quaresma, Maria José Barata, Sociedade Filarmónica Lousanense

Miranda do Corvo Bruna Dias, João Martins, Lúcia Dias, Madalena Barbeiro, Mário Sol, Grupo Recreativo Mirandense

Moinhos Ana Luísa Amaral, Ana Dias Rosado, Anabela Corino, Daniela Salgado, Edgarda Brandão, Esperança Caetano, Idalina da Costa, Lourdes Camilo, Maria Alice Rodrigues, Maria Carlota Salgado, Maria Cesaltina Lucas, Maria Teresa Caetano, Rosa Cravo, Sandra Vaz, Grupo Etnográfico Tecedeiras de Moinhos

Serpins Fin Sherry-Brennan, Manuel Carvalho, Maria de Lurdes Costa, Associação Filarmónica Serpiense

Elementos Cénicos, Figurinos e Adereços Filipa Malva

Direção Musical e Composições Originais Miguel Cordeiro

Fotografia Carlos Gomes e Teresa Valente

Grafismo Studio and Paul

Vídeos Bruno Simões

Mapeamento Cultural Alunos do 3º Ano de Sociologia

Aplicada da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sob orientação de Cláudia Pato Carvalho e Rosa Monteiro

Comunicação Luís Marujo, Margarida Sousa e Francisca Tralhão (estagiária)

Produção Executiva Cátia Oliveira, Eva Tiago

Construção de Cenário e Adereços José Baltazar

Costureira Fernanda Tomás

Operação de som João Castro Gomes

Concepção do projeto e coordenação do trabalho com a comunidade Isabel Craveiro

Media partner Antena 1

Produção Teatrão © 2024

Em coprodução com Metro Mondego, Município de Coimbra, Município da Lousã e Município de Miranda do Corvo

A Metro Mondego é financiada por fundos europeus através do programa Sustentável 2030

NOTAS BIOGRÁFICAS

Afonso Abreu

Iniciou a formação na área do teatro em 2015 no projeto Classes de Teatro do Teatrão, que integra um programa de formação na área da expressão dramática e teatro para públicos infantis, juvenis e adultos. Neste contexto, participou no espetáculo *Atalhos* de Joana Craveiro para o Projeto Panos 2016, encenado por João Santos, no espetáculo *Carrossel*, dirigido por Pedro Lamas, em 2018, em 2019 no espetáculo *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro, e em 2020 no espetáculo de intervenção comunitária *De Portas Abertas*, com direção artística de Isabel Craveiro. Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, que conclui no ano de 2021. No âmbito da licenciatura, integrou o projeto de intervenção *Ensaio Bruxas* a partir de *As Bruxas de Salem* de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas e, integrou também, o elenco do espetáculo *A Noite da Lua de Sangue* a partir de *Os Tambores na Noite* de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. Assumiu, em 2019, a função de contrarregra nos espetáculos *Richard's* e *Ala de Criados*, ambos encenados por Marco Antonio Rodrigues. Integrou a direção de cena dos espetáculos *Da Família* (2021) de Valério

Romão e *Ti Coragem & Filhos Lda.* (2023), com direção do mesmo encenador. Fez também direção de cena na reposição de 2024 do espetáculo *A Grande Emissão do Mundo Português* (2018), com encenação de Isabel Craveiro. Fez trabalho de ator nos espetáculos *Viajantes do Tempo* e *Os Cantos das Pedras*, inseridos no projeto *Marcos Históricos – Romanização*, coordenados por Isabel Craveiro e João Santos, em 2022. Também como ator, fez parte do elenco do projeto artístico *De Portas Abertas II – Os Caminhos do Trabalho*, trabalho feito com a comunidade da Arregaça, em Coimbra. Atualmente, é professor nas classes do Teatrão, desde 2023, e no projeto *Teatro e Memória*, da mesma companhia. Faz parte do elenco do espetáculo *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas* (2022), um espetáculo sobre a guerra colonial, com encenação de Isabel Craveiro; e dos dois espetáculos provenientes do projeto *Com que Linhas te Cruzas?*, com encenação de Marco António Rodrigues.

Cátia Oliveira

Licenciatura de Direção de Cena e Produção Teatral na Escola Superior de Música Artes e Espetáculo. Participou como coorganizadora da 3ª Edição do Festival SET (Semana Escolas de Teatro), desempenhando funções de produção e de direção de cena. Em formação, trabalhou com os encenadores Howard

Gayton e Geoff Beale, João Mota, Nuno Cardoso, e Fernando Mora Ramos, desempenhando funções de diretora de cena, de produção e contrarregra. Em 2011, colaborou ainda com a companhia Limite Zero, como produtora. Atualmente, integra a equipa do Teatrão, onde coordena a gestão da equipa a administração, onde assume a direção de produção de espetáculos da companhia e do Projeto Pedagógico, Projetos de Intervenção na comunidade e a direção de cena de espetáculos da companhia e em nos acolhimentos. Coordena, ainda, a produção da Rede Artéria, no âmbito regional. Como produtora, destaca o trabalho com os seguintes encenadores: Isabel Craveiro, Antonio Mercado, Antonio Fonseca, Ricardo Correia, Joana Mattei e Marco Antonio Rodrigues, entre outros.

David Meco

Iniciou a formação na área do teatro em 2016 no projeto de Classes de Teatro do Teatrão, que integra um programa de formação na área da expressão dramática e teatro para públicos infantis, juvenis e adultos. Neste contexto, participou no espetáculo, em 2019 no espetáculo *Romeu e Julieta* de William Shakespeare, encenado por Isabel Craveiro e com a orientação de João Santos e Margarida Sousa, e em 2020 no espetáculo de intervenção comunitária *De Portas Abertas*, com direção artística de Isabel Craveiro.

Em 2018 ingressa no curso de Teatro e Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra, que conclui em Setembro de 2021. No âmbito desta licenciatura, integrou o Projeto de Intervenção *Ensaio Bruxas* a partir de *As Bruxas de Salem* de Arthur Miller, dirigido por Pedro Lamas, bem como o espetáculo *A Noite da Lua de Sangue* a partir de *Os Tambores na Noite* de Bertolt Brecht, dirigido por António Fonseca. É voluntário no Teatrão onde acompanha regularmente os processos criativos das suas produções. Assumiu, a contrarregragem do espetáculo *A Grande Emissão do Mundo Português*, cuja direcção artística pertence a Isabel Craveiro, em 2019 e, para além disto, integrou a direcção de cena do espetáculo *Da Família* de Valério Romão, encenado por Marco Antonio Rodrigues, em 2021. Foi estagiário na companhia, em 2022, tendo participado, como ator, nos espetáculos *Viajantes do Tempo* e *Os Cantos das Pedras*, inseridos no projeto *Marcos Históricos – Romanização*, coordenados por Isabel Craveiro e João Santos. Integrou também o elenco do espetáculo *De Portas Abertas II – Os Caminhos do Trabalho*, bem como o do espetáculo *Os Cadáveres São Bons Para Esconder Minas*, coordenado por Isabel Craveiro e escrito por Jorge Palinhos. Nesse mesmo ano concluiu uma pós-graduação em dança contemporânea na Escola

Superior de Música e Artes do Espetáculo no Porto. No ano de 2023, integra o elenco do espetáculo *REVOLUTION (Título Provisório)*, uma coprodução entre Teatrão, Baal17, Asta Teatro e D'Orfeu, orientada por Gonçalo Guerreiro. Em 2024, integra o elenco de *A Noite Canta os seus Cantos* da Baal17, com encenação de Luís Varela.

Eva Tiago

Licenciatura em Teatro e Educação (2022), pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Ao longo do seu percurso trabalhou com Isabel Lopes, Pedro Lamas, Ricardo Correia e Rodrigo Fischer (ESEC); Alexandre Oliveira (Teatro Loucomotiva; Trincheira Teatro); João Paiva, Hugo Inácio e Telmo Ferreira (Trincheira Teatro). Em 2017, com a Trincheira Teatro, integrou o projeto de investigação de dois anos de João Paiva, Alexandre Oliveira e Bárbara Queirós a partir do exercício de improvisação, *Campo de Visão*, de Marcello Lazaratto. Com o Teatro Loucomotiva, em 2019, fez parte do elenco de *Mutável*, a partir do conto *O Urso* de Anton Tchekhov, e em 2020 de *A Tempestade*, de William Shakespeare, ambos sob a direcção de Alexandre Oliveira. Em 2021 e com a *Trincheira Teatro*, integrou o elenco de *Os Gigantes da Montanha*, com encenação de Hugo Inácio e Telmo Ferreira. No terceiro ano do curso (2021/2022), fez parte do elenco do Projeto de Intervenção *CABARET TROIA*,

a partir de *As Troianas*, de Eurípidés, sob a direcção de Pedro Lamas, e do *Estágio Frank*, um deus para o jantar (dramaturgia coletiva), sob a direcção de Rodrigo Fischer (ambas produções da ESEC em coprodução com O Teatrão). Em 2022 torna-se sócia júnior da Trincheira Teatro (Coimbra). Integra a equipa do Teatrão desde fevereiro de 2023. Nesse ano integra o elenco de *REVOLUTION (Título Provisório)*, uma cocriação entre ASTA, Baal17, d'Orfeu e Teatrão, com encenação de Gonçalo Guerreiro, e *Ti Coragem & Filhos Lda.*, uma encenação de Marco Antonio Rodrigues para o Teatrão. Em 2024, integra o elenco de *Exercícios de Ser Criança* e *Outros Aprendimentos*.

Filipa Malva

Cenógrafa e arquiteta. É doutorada em Estudos Artísticos pela Universidade de Coimbra e Mestre em Espaço de Performance pela Universidade de Kent, Reino Unido. Tem desenvolvido trabalho regular como cenógrafa, figurinista, artista cénica e desenhadora. Nos últimos quatro anos, tem sido responsável pela cenografia e figurinos da Casa da Esquina, Teatrão, a Cooperativa Bonifrates, os Macadame, os Cornalusa e o GEFAC, entre outros. Distinguida com a Bolsa de Doutoramento da FCT e Bolsa de Bolsa de mobilidade Sócrates/ Erasmus para a escola de Arquitetura IonMincu, Bucareste,

Roméia, GAERI/Agência Nacional Sócrates/Erasmus. Espaço em arquitetura e cenografia, desenho para teatro, fenomenologia do teatro e cenografia digital e ambientes digitais tridimensionais constituem os seus atuais interesses na área de investigação. Em 2010 e 2012, foi coeditora do e-book *Performance: Visual Aspects of Performance Practice* (Oxford: Inter-Disciplinary Press) e do e-book *Activating the Inanimate: Visual Vocabularies of Performance Practice* (Oxford: Inter-Disciplinary Press). É membro fundador da Associação Portuguesa de Cenografia. Colabora com o Teatrão desde 2012.

Francisca Tralhão

Francisca Tralhão é estagiária do Teatrão – companhia profissional de Teatro de Coimbra – na equipa de comunicação desde o início de Julho de 2024, na sequência de um estágio curricular no âmbito da licenciatura em Jornalismo e Comunicação com menor em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que concluiu recentemente. Para além disso, durante a sua licenciatura, estagiou também na Coimbra Colectiva, uma revista digital de jornalismo de soluções. Em 2020 frequentou a Formação Pedagógica Inicial de Formadores em regime online pelo I9Project, uma entidade de formação profissional.

Isabel Craveiro

Isabel Craveiro é atriz, encenadora, pedagoga e diretora artística do Teatrão. A sua formação de base conjuga o teatro, a pedagogia e a intervenção artística na comunidade. Da sua formação como atriz e encenadora destaca as aprendizagens com Rogério de Carvalho, Antonio Mercado (Brasil/Portugal), Marco Antonio Rodrigues (Brasil), Valentyn Teplyakov (Russia) e João Mota. Da sua formação como pedagoga destaca os ensinamentos de Manuel Guerra, António Fonseca, Dragan Klaic (Sérvia). Tem feito formação noutras áreas, nomeadamente Cenografia com José Dias (Brasil) e Dramaturgia (Jorge Louraço Figueira). Interpretou e dirigiu textos de autores clássicos e contemporâneos para públicos infantis, jovens e adultos. Coordenou vários projetos de Teatro com a Comunidade desenhados e implementados em parceria com investigadores das ciências sociais (CES/UC) numa metodologia de investigação/ação. Desenha e coordena os programas do projeto pedagógico do Teatrão – Classes de Teatro, Detráspráfrete – Teatro e Memória, Aluvião, nomeadamente os projetos do programa PARTIS & ART FOR CHANGE – Bando à Parte e A Meu Ver.

Jonathan de Azevedo

Nasceu em Connecticut (Estados Unidos da América), e formou-se como ator, em 2001, na Universidade de Vermont. Ainda em 2001, vem para Portugal desenvolver trabalho na área da iluminação de espetáculos de teatro. Trabalhou, desde então, com encenadores como João Mota, Marco Antonio Rodrigues, Antonio Mercado, Ricardo Correia, Leonor Barata, entre outros. Em 2011, concluiu o Mestrado de Teatro em Design de Luz na Escola Superior de Música e Artes de Espetáculo. Pertence ao corpo docente da Escola Superior de Educação de Coimbra, onde leciona a disciplina de Técnicas de Cena, do curso de Teatro e Educação. Integrou a equipa técnica do Convento São Francisco. Desde 2007 que colabora com o Teatrão, onde assinou desenhos de luz de produções várias até ao momento. Atualmente é diretor técnico do Teatrão, coordenando a área técnica, quer nas criações do teatro quer dos acolhimentos, responsável ainda pela manutenção e aquisição dos equipamentos de palco e técnicos. Nos anos 2012 e 2013, fez parte da equipa portuguesa do Projeto Internacional École de Maitres (Teatro Académico Gil Vicente), como Diretor Técnico.

Marco Antonio Rodrigues

É encenador teatral, foi fundador e diretor artístico do Folias, coletivo teatral de São Paulo, e editor da revista “Caderno do Folias”. Colabora como encenador também, com “O Teatrão”, coletivo teatral sediado em Coimbra. Tem especialização no Sistema Stanislavski pela Academia Russa de Arte Teatral de Moscovo. Como colaborador, atuou como professor-encenador da Escola Superior de Artes Célia Helena e do Teatro-escola Célia Helena, uma das mais antigas escolas do Brasil. Atuou também como professor-encenador do Curso de Teatro da Escola Superior de Educação em Coimbra, e da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto. Realizou mais de cinquenta encenações ao longo da carreira. Entre os seus últimos trabalhos, contam-se: a direção cénica da ópera-documentário *Guarani em Chamas* para o Theatro Municipal de São Paulo; a encenação de *Erendira*, *a Incrível e Triste História de Candida Erendira e sua Avó Desalmada*, com uma dramaturgia de Claudia Barral para o conto de Gabriel Garcia Marquez, no Teatro popular do SESI; *Hamlet, 16x8*, dramaturgia dele e de Rogério Bandeira; *Noel, um musical*, de Plínio Marcos; *Gagarin Way*, de Gregory Burke; entre muitos outros. No seu currículo constam os Prêmios Shell, Mambembe, APCA, Molière,

Prémio Villanueva, da crítica cubana, entre outros, além de numerosas indicações. Em 2005, é o início de uma colaboração intensa e muito próxima com o Teatrão. Desde então, encenou dez produções da companhia, entre as quais: *Três Irmãs (Making Of)*, a partir de Tchekhov; *Richard's*, a partir de Ricardo III de Shakespeare; *Ala de Criados*, a partir de Maurício Kartun; *da Família*, a partir do livro homónimo de Valério Romão; ou *Ti Coragem & Filhos Lda.*, a partir da *Mãe Coragem* de Brecht.

Margarida Sousa

Licenciatura em Comunicação Organizacional pela Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC). Curso Livre de Interpretação com Antonio Mercado. Licenciatura em Teatro e Educação pela ESEC. Integra a equipa do Teatrão, onde exerce funções como membro da direção, atriz e pedagoga. Responsável pela área da comunicação da companhia, assumindo a coordenação de: desenho e implementação dos Planos de Comunicação das várias atividades; a Assessoria de Imprensa e angariação de media partners; a criação da imagem gráfica; o acolhimento de estágios nesta área; a gestão de conteúdos do site e Redes Sociais, a relação com parceiros de divulgação e angariação de apoios. Como atriz, já integrou trinta criações do Teatrão, quer a partir de dramaturgia universal, quer a partir

de textos originais, quer explorando outras linguagens artísticas, em processos partilhados por toda a equipa artística e destinadas a públicos variados. Em paralelo, integra a equipa artística dos projetos de intervenção comunitária, onde assume a codireção de espetáculos. Trabalhou com os encenadores Corrina Manara, Marco Antonio Rodrigues, João Mota, António Fonseca, Nuno Pino Custódio, Ricardo Vaz, Patrick Murys, Antonio Mercado, Isabel Craveiro, Ricardo Correia, Alex Cassal, entre outros.

Miguel Cordeiro

Miguel Cordeiro, multi-instrumentista natural de Tondela começa a ter aulas de guitarra na escola de música local aos 12 anos. Mais tarde, com 17 anos, ingressa no Curso Profissional de Jazz do Conservatório de Música da Jobra, que conclui em 2015. Dois anos depois iniciou a sua formação superior, desta vez na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no curso de Estudos Artísticos. Desde 2015 que colabora ativamente com a ACERT, na criação de diversos espetáculos de teatro e de música. Atualmente integra os projetos Victor Torpedo and The Pop Kids, Nevoeiro, Giant Surfers, Wakadelics, entre outros. Possui também um projeto de canções em nome próprio, com um disco editado em 2022.

Luís Marujo

Em 2018, conclui a Licenciatura de Jornalismo e Comunicação. Desde então, tem trabalho nas várias manifestações da intersecção entre a comunicação e a cultura, ocupando posições de direção de projetos, investigação, gestor de redes, locutor de rádio, assessor ou agente. Passou pelo gabinete de comunicação da Culturgest, sob a coordenação de Vítor Bruno Pereira e onde trabalhou com Delfim Sardo. Em 2019, completa o curso de locução e realização da Rádio Universidade de Coimbra, onde ainda é ativo como locutor, curador, gestor de redes sociais e produtor de eventos. Colaborou em regime freelance com o Colectivo Casa Amarela, nos projetos *Island Fever* e *Modernidade Líquida* e, mais para trás, integrou durante vários anos a equipa de redação do Altamont. Em 2019, rumou a Amesterdão, onde completou o primeiro ano do Mestrado de Comparative Arts and Media Studies da VU Amsterdam e onde teve oportunidade de trabalhar em diversos projetos de investigação, nomeadamente numa colaboração entre a Wikipedia NL e o LIMA – Instituto de Media Art, com a coordenação da professora e investigadora Katja Kwastek. Trabalhou também de perto com Hans Fidom, professor e diretor do Orgelpark, no âmbito da cadeira de Sound Heritage. Contou ainda com uma breve passagem

pela VU Campusradio. O primeiro confinamento da pandemia Covid-19 trouxe-o de volta a Portugal, onde, desde então, trabalhou na comunicação do CEIS20 – UC e estagiou no departamento de agenciamento da Sons Em Trânsito. Em fevereiro de 2023, integra a equipa do Teatrão como profissional de comunicação.

Sandra Pinheiro

Natural de Guimarães, Sandra Pinheiro é dramaturga. Fez formação de escrita teatral com José Sanchis Sinisterra, e com a Lark Play Development Centre de Nova Iorque. Em 2009 participou na International Residency for Emerging Playwrights do Royal Court Theatre de Londres. Em 2013 integrou, no mesmo teatro, o projeto Big Idea – PILGS, para o qual escreveu o texto *Adeus ao país dos velhos*. Escreve para teatro desde 2003 e entre os textos que escreveu contam-se *Emprateleirados* (Prémio Miguel Rovisco Inatel 2003), *Homens de cá e de lá*, *Os filhos de Teresa* (menção honrosa no Prémio Nacional de Teatro Bernardo Santareno 2009), *Os Trabalhadores Invisíveis*, *Como ser feliz em apenas 5 dias*. Para o público infantil escreveu os textos: *Quanto vale um presente*, *A melhor árvore do mundo* e *A nossa casa na floresta*. Iniciou a sua colaboração com o Teatrão em 2012. Integrou o projeto *Conta-me como é*, como coautora. Entre 2020 e 2022 integrou

o projeto de intervenção comunitária no Vale da Arregaça com a criação dos textos para os espetáculos *De Portas Abertas* e *Os percursos do Trabalho*. É fundadora da Didaskalia – Teatro empresarial e autora dos textos e atividades da companhia dirigidos a adultos e a crianças.



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA



Cofinanciado pela
União Europeia



An abstract geometric composition featuring thick, overlapping lines in red, green, and blue against a solid blue background. The lines intersect to form various triangular and polygonal shapes, creating a sense of depth and movement. The red lines are the most prominent, often forming the outer boundaries of the shapes. Green lines are layered beneath the red, and blue lines are visible in the background, creating a complex, multi-layered effect. The overall style is modern and graphic.

Teatrão